



Boletim informativo da biblioteca escolar

Agrupamento de Escolas de Canas de Senhorim

Ano I, nº 6

Maio 2009

Pesquisar na net...

Muita informação, mas mal aproveitada!

Revela um estudo britânico sobre as competências em literacia de informação da google generation, jovens nascidos depois do aparecimento daquele motor de busca.



Editorial



A biblioteca escolar mudou de paradigma: tornou-se uma parceira indispensável ao desenvolvimento curricular de qualquer área do saber. Isto implica uma mudança de mentalidade na forma como é encarada por alunos e professores. Ela já não é apenas um local de estudo usado nas horas vagas ou um espaço de pesquisa de um qualquer assunto tratado nesta ou naquela disciplina, mas reclama o papel de ferramenta fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Ela deve entrar na sala de aula, embrenhar-se no processo de desenvolvimento do currículo, numa articulação desejável entre este e as diversas valências que ela proporciona. Ao professor pede-se que a integre nas actividades de planificação da sua disciplina, que faça dela uma ferramenta facilitadora das aprendizagens, não de forma residual ou fragmentária, mas de forma sistemática e consistente com as mais-valias que ela proporciona. Ao aluno, que se habituou a ver nela um local de prazer e de lazer – que também é, sem dúvida - pede-se que a utilize como instrumento promotor do desenvolvimento de competências, integrando-a naturalmente no seu processo de formação.

O Livro Mágico foi a história que os alunos do 5º A e do 5º C construíram na Semana da Leitura com a ajuda da escritora Ana Sofia Leitão.



Muita Informação, Pouca Literacia

É pelo menos esta a principal conclusão a retirar de um estudo de 2008, coordenado pela British Library e pelo Joint Information Systems Committee (JISC)*. Um dos objectivos do estudo era conhecer as competências da chamada “Google Generation” – geração nascida depois de 1993, com o aparecimento daquele motor de busca – no uso da Internet.

As maiores evidências têm a ver com a falta de qualidade das pesquisas feitas pelos jovens. Assim, conclui-se que a aparente facilidade com que lidam com as novas tecnologias não veio melhorar a sua literacia de informação. Ao contrário, verifica-se que pouco tempo é gasto na avaliação da informação, tão-pouco existe grande preocupação com a sua relevância, exactidão ou autoridade. Aliás, muitos

jovens não sabem exactamente de que informação precisam, resultando desse modo difícil o desenvolvimento de uma verdadeira estratégia de pesquisa. Confrontados com uma enorme variedade de conteúdos, os jovens pesquisadores têm dificuldade em seleccionar os que realmente interessam e acabam por imprimi-los mecanicamente, depois de lhes terem dado uma vista de olhos superficial.

O mesmo estudo também conclui que os jovens têm um mapa mental pouco sofisticado acerca do que é a Internet, que redundava muitas vezes numa incapacidade para perceberem que se trata de uma colecção de recursos em rede, disponibilizados por diferentes servidores.

Sobre os sites que remetem para



bibliotecas virtuais, os jovens não os acham intuitivos, razão pela qual preferem a familiaridade e a simplicidade do Google ou do Yahoo.

Consciente desta realidade, a equipa da biblioteca escolar elaborou o guia “Como Pesquisar na Internet e Como Avaliar Páginas Web” que disponibiliza a todos os seus frequentadores.

* disponível em http://www.jisc.ac.uk/media/documents/programmes/reppres/gg_final_keynote_11012008.pdf

O Livro Mágico

Era uma vez uma menina de dez anos que se chamava Juliana.

A Juliana tinha uma característica: odiava ler. Bem, a mãe chamava-lhe “defeito”. A família oferecia-lhe sempre livros no Natal e nos anos - nunca lhe oferecia roupas, nem brinquedos! - para ver se lhe aguçava a vontade. Mas a verdade é que, quanto mais a forçavam a ler, menos lhe apetecia!

Tinha cinquenta livros na estante do quarto mas, de todos eles, só lera dois e porque a professora de Língua Portuguesa a obrigara. Achava sempre as histórias uma grande, grande seca e, ainda que na escola a incentivassem, preferia os livros do Tio Patinhas, com pouco texto e muitas imagens. Os outros não lhe serviam.

Até que, num dia chuvoso, em que depois de horas a navegar na Net a mãe a mandou limpar o pó ao quarto, Juliana agarrou por acaso num livro de capa azul que nunca tinha visto por ali e que caiu aos seus pés, aberto numa página muito colorida.

Achando graça ao sucedido, Juliana começou a ler! A primeira frase, depois a segunda; o primeiro parágrafo, depois o segundo... O livro falava sobre uma menina mais ou menos da idade dela, cujo sonho era – imagine-se! - casar com um príncipe.

Mas isso só chegou para a Juliana avançar até ao fim do primeiro capítulo. Quando estava quase a desistir, como sempre fazia, aconte-

ceu uma coisa nunca vista: o príncipe da história, loiro e de olhos azuis, piscou-lhe o olho! E ela pensou assim: “Não, não devo estar a ver bem... Será que isto é um livro mágico?!” Depois do susto inicial, a Juliana julgou que estava a sonhar e até se beliscou para confirmar. Mas não estava a sonhar, estava bem acordada!

De repente, como por magia, uma espécie de



O príncipe deu-lhe a mão e levou-a a conhecer o seu palácio, incluindo o salão-mor onde havia quadros estranhíssimos, com muitos e muitos séculos e algumas teias de aranha penduradas. O maior deles retratava a avó do príncipe - que havia sido rainha há algumas dezenas de anos - e era tão real que Juliana podia jurar que a tinha visto mexer os olhos! A menina voltou a beliscar-se, para ver se acordava, mas foi em vão, pois em vez de voltar ao seu quarto cor-de-rosa, continuava num castelo da Idade Média.

E a verdade é que, naquele lugar, as coisas estranhas sucediam-se: havia mesas e cadeiras que se agitavam como se dançassem, unicórnios a passear de um lado para o outro, quadros que mais pareciam telas de cinema... A Juliana estava deslumbrada com tudo isto e, mais ainda, com o príncipe, que além de ser mais giro do que qualquer um dos seus colegas da escola, tinha uma voz doce e meiga e parecia saber tudo sobre aquele reino e os reinos vizinhos, que ficavam muito para além das montanhas que ela avistava no horizonte.

Andaram horas e horas neste encantamento, até que o príncipe confessou à Juliana que estava a apaixonar-se por ela e que ela era muito mais bonita e inteligente do que qualquer uma das raparigas que ele conheceria.

- Foi por isso que te puxei para vires ter comigo - explicou.

No livro, as bochechas da Juliana devem ter ficado da cor do morango com esta confissão e com o pedido que se lhe seguiu: o príncipe pediu a mão dela em casamento e disse que, caso aceitasse, teriam de casar muito depressa, porque dentro dos livros não há tempo a perder e já iam na vigésima página.

A Juliana aceitou o pedido, mas impôs ao seu príncipe uma condição: que ele a ensinasse a gostar de ler! Sem mais demoras, ele foi à sua biblioteca gigante, na cave do palácio, pegou no melhor livro que encontrou e estendeu-o à sua amada. A Juliana leu uma página, depois outra e outra e mais outra... e percebeu que aquela história era exactamente a história onde

ela estava! Leu-a todinha, de uma ponta à outra, e depois releu-a, vezes sem conta e com um entusiasmo que nunca tinha sentido ao folhear um livro! E porquê? Porque os livros que a família lhe oferecera até então não falavam de amor. Aquele era o primeiro romance de amor que lia e, melhor do que isso, era o seu romance!

Saíram da biblioteca felizes da vida e, mais à frente, na vigésima quinta página, casaram com toda a pompa e circunstância e desenhos a condizer.

Quando chegou a altura de cumprimentarem os convidados, a Juliana começou a ficar apertada entre aquelas páginas todas, a sentir falta de ar e alergia ao pó das folhas. E foi então que, aproveitando o facto de a história do livro mágico estar a acabar, Juliana convidou o príncipe para ir com ela para o mundo real. Primeiro, ele hesitou, mas depois percebeu que já tinha cumprido o seu papel naquele livro e, como num passe de mágica, segurou a mão que ela lhe estendia e voltaram a saltar cá para fora, para o quarto cor-de-rosa de Juliana.

Só havia um problema: o príncipe era um desenho, colorido a aguarela e achatado, e não um ser humano a três dimensões. Como é que podiam transformá-lo? Nem mais: pedindo ajuda a alguém que nunca fazia perguntas e tinha sempre soluções para tudo, a avó de Juliana.

Juliana apressou-se a telefonar-lhe e o conselho da avó, que mesmo depois de ouvir esta estranha história não fez uma única pergunta, foi simples:

- O chapéu preto que está em cima do teu armário não é um chapéu como os outros. O teu amigo que salte lá para dentro e tudo se resolverá.

E o príncipe assim fez. Um minuto depois, era um rapaz de carne e osso! Juliana apresentou-o à família, inventando que ele era órfão, viera do estrangeiro e não tinha onde ficar. A mãe, com o seu coração mole, ofereceu-lhe logo guarida, até resolverem a sua situação.

Juliana inscreveu-o depois na escola, na sua turma, e o príncipe - que na vida real deixou de ser príncipe e passou a ser um João como os outros - começou a aprender Língua Portuguesa, Matemática, EVT... e conseguiu ser um aluno brilhante!

Mas... será que fora do livro eles também foram namorados? Sim, mas isso só aconteceu alguns anos mais tarde. Por agora, aos 11, João tinha muito que aprender sobre a vida real, muitos amigos para fazer, muita coisa para conhecer. E Juliana tinha de matar saudades de tudo aquilo que deixou para trás enquanto esteve dentro do livro: os seus colegas, o seu gatinho, os mimos da mãe, os fins-de-semana com a avó... Só foi princesa durante uma hora mas, dentro da história, pareceram-lhe semanas longe de casa!

O que é a CDU?

Existem diversas classificações em todo o mundo, mas nenhuma é perfeita. Como elas não são organismos isolados, e apesar de todas as críticas que os técnicos lhes possam fazer, não há dúvida que a mais utilizada é a Classificação Decimal Universal (CDU).

A CDU é uma listagem de classificações de tipo categorial em que existe uma relação de subordinação de tipo hierárquico entre conceitos. Divide-se em classes e subclasses e baseia-se na ideia de usar uma notação decimal defendida pelo bibliotecário americano Melvil Dewey. Tem dez classes (de 0 a 9) que por ser uma classificação decimal, podem dividir-se em subclasses.

Classificar é agrupar os documentos pelo seu conteúdo e nos seus aspectos concordantes.

Quando estamos a classificar um documento devemos ter em conta o seguinte:

- Observar bem o documento e verificar se se trata de uma obra de ficção ou não;
- Se é de ficção é preciso determinar o género e arrumá-lo com os outros idênticos;
- Se não se trata de um documento de ficção, há que determinar o tema principal;
- Seguidamente consulta-se a listagem da CDU utilizada na biblioteca.

15 de Maio, Dia Internacional da Família Para Ler em Família

PAPÁ, POR FAVOR, APANHA-ME A LUA

Antes de se deitar, a Mónica olhou pela janela e viu a lua. A lua parecia estar muito perto. “Queria tanto brincar com a lua!”, pensou a Mónica. E tentou apanhá-la. Porém, por mais que se esticasse, não conseguia tocar-lhe.

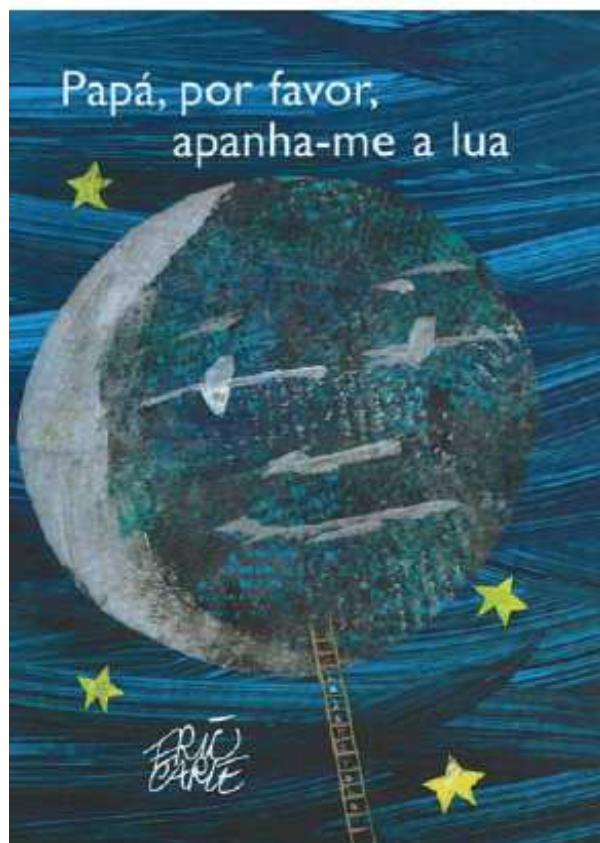
A lua desempenha um papel muito importante na infância e foi protagonista de muitas narrativas. Relaciona-se com os sonhos, as aventuras e os desejos difíceis de concretizar. Eric Carle narra os tormentos por que um pai passa para satisfazer o sonho da filha, e que o levam a subir a uma alta montanha, entre outros esforços.

O principal atractivo deste livro reside no jogo de tamanhos e direcções que o autor propõe, e para o qual cria um original sistema de páginas que se desdobram em vários sentidos, segundo as exigências da cena, imprimindo movimento ao livro: para os lados, para cima, para baixo, de dentro para fora e ao contrário, ultrapassando as dimensões do livro. Também proporciona aos leitores o proveitoso efeito que significa educar o olho, dirigir o olhar na direcção ascendente, descendente, da direita para a esquerda, e vice-versa. O livro adapta-se aos primeiros leitores, tornando maneável a sua manipulação e facilitando-lhes a abertura e o fecho das páginas.

Com o seu estilo inconfundível, baseado na técnica da colagem, Eric Carle escolhe uma proposta estética cheia de colorido. A KALANDRAKA editou em português outras obras deste autor: “A lagartinha muito comilona” e “Queres brincar comigo?”.

ERIC CARLE (Siracusa, Nova Iorque, 1929)

Autor de mais de 70 álbuns, Eric Carle começou a ilustrar livros em 1967, depois de muitos anos a trabalhar como director de arte numa agência publicitária. Estudou na prestigiada escola de arte Akademie der Bildenden Künste, de Estugarda, na Alemanha, país para onde se mudou ainda em criança com os seus pais. Mas sempre quis voltar para a América do Norte, onde tinham decorrido as melhores recordações da sua infância. Regressou em 1952, com um portfolio e 40 dólares no bolso, em busca de uma oportunidade que lhe chegou como designer gráfico para o The New York Times.



O primeiro livro de sua completa autoria foi 1,2,3, to the Zoo (1968), a que se seguiu The Very Hungry Caterpillar, publicado pela KALANDRAKA em português. Ao longo dos anos foi galardoado com o Prémio da Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha (Itália), da Associação de Livreiros Infantis e da Associação Americana de Bibliotecas.

Eric Carle disse: “Com muitos dos meus livros tento estender uma ponte entre o lar e a escola. A passagem de casa para o colégio é o segundo maior trauma da infância; o primeiro, certamente, é nascer. Em ambos os casos trocamos um lugar caloroso e protector por outro desconhecido. Acredito que as crianças são criativas por natureza e capazes de aprender. Nos meus livros tento conter esse receio, substituí-lo com uma mensagem positiva. Quero mostrar-lhes que aprender é realmente fascinante e divertido”.

www.kalandraka.pt

O Dia do Autor Português (22 de Maio) foi lembrado com uma exposição na biblioteca. O material exposto incluiu excertos de obras e elementos bio e bibliográficos de alguns dos mais representativos obreiros da língua portuguesa. Os trabalhos expostos foram resultado da aplicação dos alunos do 7º B orientados pela professora Ana Paula Barros.

Do programa de actividades também fez parte a declamação de poesia, poesia cantada e algumas apresentações multimédia (powerpoint), da responsabilidade das turmas do 7º ano, 9º C e 11º CPA, orientadas pelas professoras Ana Paula Barros, Carlinda Loureiro e Madalena Neves.

